



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA

MARCELO NONATO DOS SANTOS

TRADIÇÕES CULTURAIS QUILOMBOLAS: a Folia de Cipó nos Festejos de São João
Batista Comunidade Sucuri, Kalunga de Monte Alegre de Goiás.

Arraias, TO
2024

Marcelo Nonato dos Santos

**TRADIÇÕES CULTURAIS QUILOMBOLAS: Folia de Cipó. Festejos de São João
Batista Comunidade Sucuri, Kalunga de Monte Alegre de Goiás.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Adriane Tavares de Moura

Arraias, TO
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

N812t Nonato dos Santos, Marcelo.

Tradições Culturais Quilombolas: Folia de Cipó. Festejos de São João Batista Comunidade Sucuri, Kalunga de Monte Alegre de Goiás.: Folia de Cipó. Festejos de São João Batista Comunidade Sucuri, Kalunga de Monte Alegre de Goiás.. / Marcelo Nonato dos Santos. – Arraias, TO, 2024.

47 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2024.

Orientadora : Sílvia Adriane Tavares de Moura

1. Tradições Culturais Quilombolas. 2. Folia de Cipó. 3. São João Batista. 4. Religiosidade Kalunga. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Marcelo Nonato dos Santos

**TRADIÇÕES CULTURAIS QUILOMBOLAS: a Folia de Cipó. Festejos de São João
Batista Comunidade Sucuri, Kalunga de Monte Alegre de Goiás.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em: 17 de Maio de 2024.

Banca examinadora formada pelos professores:

Professora Doutora Sílvia Adriane Tavares de Moura – Presidente
(Orientador) Universidade Federal do Tocantins

Professora Doutora Simone Mamede – Membro Interno –
Universidade Federal do Tocantins

Professor Doutor Augusto Rodrigues Silva Junior – Membro
Externo – Universidade de Brasília

DECICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos os quilombolas Kalungas, em especial aos meus alunos, aos meus familiares, colegas de curso e professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Artes Visuais e Música.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos familiares que me apoiam na minha vida profissional e de estudantil.

Agradeço aos professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Artes Visuais e Música pela dedicação, direcionamento e capacidade de nos impulsionar nos estudos e não desistir dos nossos projetos e sonhos profissionais.

Agradeço a Comunidade Quilombola Lalunga de Monte Alegre de Goiás pela acolhida como professor e pela disponibilidade de me proporcionar informações acerca da cultura e da história local.

De todos os modos, o papel central que a cultura exerce na vida da sociedade contemporânea exige uma atuação efetiva dos poderes públicos através da implantação de órgãos específicos para a gestão cultural nas esferas municipal, estadual e federal, e da elaboração e execução de políticas públicas. (CANEDO 2009, p.11)

RESUMO

A presente pesquisa trata das Tradições Culturais Quilombolas, em especial da Folia de Cipó, conhecido como Festejos de São João Batista Comunidade Sucuri, Kalunga de Monte Alegre de Goiás. Teve como objetivo principal: “compreender a cultura quilombola, suas tradições, ritos e significados e como as pessoas pertencentes à comunidade e turistas estão se relacionados com esses importantes patrimônios culturais, desse modo, apresentar essa importante manifestação cultural, representados pelos sentimentos de pertencimento do povo Kalunga. Nesta perspectiva, promover a reflexão por parte da comunidade e da escola acerca do ensino capaz de despertar nos jovens e nos guardiões a capacidade de repensar as atitudes em relação a participação e preservação do festejo mencionado. A temática surgiu do problema: “por que maior parte dos moradores e turistas estão deixando de participar da Folia de Cipó do Festejo de São João Batista na Comunidade Sucuri - Kalunga de Monte Alegre de Goiás? Diante da questão abordada, há a hipótese de que seja pelo fato que durante a festividade tenha diversas opções de lazer, diversão e parte da juventude gostam muito de vivenciar isso. Mas na pesquisa de campo essa pergunta foi respondida de forma que não há muito distanciamento por parte dos jovens e turistas da festividade, mas há a preocupação de trabalhar a reflexão acerca do problema para evitar que a tradição seja afetada no futuro por falta da participação da comunidade, em especial dos jovens.

Palavras-chave: Tradições culturais quilombolas. Folia de Cipó. São João Batista. Religiosidade. Kalunga.

ABSTRACT

This research deals with Quilombola Cultural Traditions, especially the Folia de Cipó, known as Festejos de São João Batista Comunidade Sucuri, Kalunga de Monte Alegre de Goiás. Its main objective was: “to understand quilombola culture, its traditions, rites and meanings and how people belonging to the community and tourists are related to these important cultural heritages, thus presenting this important cultural manifestation, represented by the feelings of belonging of the Kalunga people. From this perspective, promote reflection on the part of the community and the school about teaching capable of awakening in young people and guardians the ability to rethink their attitudes towards participation and preservation of the aforementioned celebration. The theme arose from the problem: “why are most residents and tourists failing to participate in the Folia de Cipó of the Festejo de São João Batista in the Sucuri - Kalunga Community of Monte Alegre de Goiás? Given the issue addressed, there is the hypothesis that it is due to the fact that during the festivities there are several leisure and entertainment options and some of the youth really enjoy experiencing this. However, in the field research this question was answered in such a way that there is not much distancing on the part of young people and tourists from the festival, but there is a concern to work on reflection on the problem to prevent the tradition from being affected in the future due to lack of participation from the community. community, especially young people.

Keywords: Quilombola cultural traditions. Cipó Folia. Saint John the Baptist. Religiosity. Kalunga.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Folia de Cipó (Bandeira de São João – Preparação para o giro).....	21
Figura 2 - Folia de Cipó – Devota beija a bandeira expressando sua fé.	23
Figura 3 - Folia de Cipó – Momento de rezas e de agradecimento.....	25
Figura 4 - Folia de Cipó – Local da Festa	26
Figura 5 - Folia de Cipó – Mulheres produzindo itens de decoração	27
Figura 6 - Folia de Cipó – Momento de reza e celebração da missa	28
Figura 7 - Folia de Cipó – Visitando cada família devota acampada no local do festejo.....	29
Figura 8 - Folia de Cipó – Levantada do Mastro de São João e a festança do imperador e imperatriz do ano.....	30
Figura 9 - Folia de Cipó – Caixeiro batendo a caixa	31
Figura 10 - Folia de Cipó – Preparação do Batismo	31
Figura 11 - Folia de Cipó – Celebração pelo Padre na capela – Missa a São João Batista.....	32
Figura 12 - Folia de Cipó – Preparação e cozimento da carne para farofa	32
Figura 13 - Folia de Cipó – Fogueira	33
Figura 14 - Folia de Cipó – Momento de descontração de comes e bebes.....	35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CONTEXTO DE PESQUISA.....	15
1.1 Memorial do Pesquisador	15
1.2 Comunidade campo de pesquisa	15
1.3 O papel da Instituição Escolar na emancipação da cultura local.....	16
1.4 O que dizem as Leis, Diretrizes e Bases da Educação para a emancipação da cultura no contexto local?	17
2. FOLIA DE CIPÓ.....	21
2.1 Breve História da Folia de Cipó e das demais Folias de Santos (Fé, simbolismo, expressão artística e cultural)	21
2.2 O que pensam os sujeitos envolvidos no campo de pesquisa?.....	33
2.2.1. Entrevista com a professora da comunidade.....	35
2.2.2. Entrevista com aluno da comunidade.....	35
3. METODOLOGIA.....	37
3.1 Pesquisa Qualitativa.....	37
3.2 Pesquisa Bibliográfica.....	37
3.3 Pesquisa de Campo.....	37
3.4 Procedimentos Metodológicos Entrevista.....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES.....	46

INTRODUÇÃO

O tema “Tradições culturais quilombolas: Folia de cipó. Festejos de São João Batista Comunidade Sucuri – Kalunga, Monte Alegre de Goiás”, é uma proposta de pesquisa Bibliográfica e de campo, onde situa e interagem os sujeitos, neste contexto, moradores, turistas, foliões e festeiros. Sabe-se que as tradições culturais quilombolas são diversas, muitas delas preservadas ao longo de séculos e de origem africanas com alguns traços europeus e indígenas. As festividades existem desde ainda quando os seus antepassados viviam no continente africano, depois no Brasil colônia no processo de escravidão imposto pela coroa portuguesa.

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga está situado no nordeste goiano, precisamente abrangendo três municípios, Cavalcante-GO, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás. É uma região com atrativos turísticos, desde as festas populares e tradicionais, as belezas naturais que oferecem cachoeiras, praias do Rio Paranã, águas termais, etc.

As tradições culturais atraem turistas para a região e é importante ressaltar que muitas dessas manifestações e expressões culturais apresentam elementos que constituem a tradição religiosa, os costumes e crenças, as formas de relação com o meio ambiente, bem como representam significados importantes para o povo Kalunga.

Enquanto acadêmico e pertencente a essa comunidade como cidadão e educador, tenho percebido que ao longo dos anos, alguns festejos tradicionais podem perder sua identidade, justamente pela inclusão de novas culturas, como as festas automotivas, os recursos tecnológicos e a incapacidade de parte das pessoas incluindo moradores e turistas de compreender a importância e valor cultural dessas tradições, como é o caso da Folia de Cipó de São João Batista. Percebi que muitas pessoas estão deixando de valorizar as danças curraleiras, as rezas, os benditos, para apenas curtir um som automotivo ou outra distração qualquer. Ficando o festejo neste contexto, sendo acompanhado apenas pelos mais velhos considerados guardiões da cultura local.

Neste sentido, cabe a nós cidadãos e educadores buscar reflexões junto aos moradores para que eles possam despertar o interesse pela preservação e valorização desses festejos, buscando uma reorganização tanto no ambiente de realização da festa como junto aos mais jovens buscando conscientizar os mesmos da importância da folia,

em especial nas escolas Kalunga.

A problemática da pesquisa se baseou na seguinte questão: “porque maior parte dos moradores e turistas estão deixando de participar da Folia de Cipó do Festejo de São João Batista na Comunidade Sucuri - Kalunga de Monte Alegre de Goiás?” Diante do exposto, teve como objetivos: “compreender a cultura quilombola, suas tradições, ritos e significados e como as pessoas pertencentes à comunidade e turistas estão se relacionados com esses importantes patrimônios culturais, refletir acerca das diversas expressões culturais tradicionais da Comunidade Quilombola Sucuri - Kalunga de Monte Alegre de Goiás, buscando uma consciência de preservação desses patrimônios por parte dos moradores e turistas, em especial da Tradicional Folia de Cipó do Festejo de São João Batista, interagir junto aos sujeitos do campo de pesquisa buscando compreender suas percepções acerca da Folia, significados, importância e dificuldades de manter a tradição e apresentar breve estudo acerca das tradições culturais quilombolas, importância da preservação das mesmas diante de novas interferências culturais externas levadas ao campo de pesquisa por grupos de turistas.

A pesquisa se qualifica como sendo de importância quanto ao tema escolhido e a problemática apresentada, pois trata de uma comunidade quilombola, que a séculos tem enfrentando desafios econômicos, sociais, educacionais e culturais, na árdua luta das diversas gerações em preservar valores, expressões, modos e costumes de vidas, sem que interferências externas excluíssem suas tradições de origem africana.

Foi possível afirmar diante das vivências de educador na comunidade, que há uma preocupação por parte dos guardiões das tradições (pessoas mais velhas) com o possível esquecimento dos acervos culturais por parte da geração jovem, diante do encantamento pelas novas culturas trazidas pelos turistas e por aqueles que saem da comunidade para viver em cidades na região e nas capitais.

Vejo que foi relevante a discussão sobre essa temática por meio de pesquisas acadêmicas, no sentido de enriquecer o debate dentro e fora da comunidade, buscando elementos científicos que embasem cada situação enquanto tema, objetivos, problema e possíveis soluções que amenizem esses possíveis impactos, que na opinião de muitos causam sérios prejuízos a preservação das tradições quilombolas.

O teor da pesquisa não foi apontar culpados ou não pelo problema apresentado, mas buscar meios e formas que harmonizem e equilibrem as diversas relações econômicas, sociais, educacionais e culturais que envolve o tema tratado.

1. CONTEXTO DE PESQUISA

1.1 Memorial do Pesquisador

Me chamo Marcelo Nonato dos Santos, nasci no povoado Prata, Município de Monte Alegre de Goiás. Concluí o ensino médio no Colégio Estadual Antônio José de Oliveira 1998. Meus pais são Suelito Nonato dos Santos e Maria Alice dos Santos.

Meus pais sempre dedicaram suas vidas trabalhando no campo, apenas minha mãe conseguia assinar o seu nome, sendo considerados pessoas analfabetas, ou seja, que não tinham domínio da escrita e da leitura. Esse fator poderia ser marcante para minha vida, pois tratava de uma vida humilde e que não havia perspectiva de vida. Mesmo assim, meus pais sendo camponeses sem condições financeiras me proporcionaram o direito de estudar e incentivaram a estudar para que meu futuro fosse melhor, sempre repetindo a frase: “o conhecimento abre portas e ninguém tira de você.”

E foi pelo incentivo dos meus pais, que em 2002, deixei meu povoado, e vim trabalhar na comunidade Kalunga ainda com apenas o Ensino Médio como formação. Enfrente o desafio de ficar fora de casa, viver uma Comunidade distante e de difícil acesso, onde eu não sabia se seria bem recebido.

Ao longo desses anos, pude perceber que minha relação com a Comunidade Kalunga tinha um significado além do que eu imaginava, pois a cada ano, me sentia parte de cada história, das relações sociais e das manifestações culturais diversas deste lugar bonito, enigmático e de belezas naturais exuberantes. Com o trabalho de educador neste espaço de pluralidades, fui conhecendo as pessoas, criando vínculos, aprendendo com eles a viver em comunidade, a vivenciar e respeitar o tempo, o meio ambiente, a simplicidade, as crenças e os modos de vida, desde as percepções religiosas as diversas formas de expressão artística e cultural.

Durante esse longo tempo que aqui estou com educador e parte da comunidade, construir uma família maravilhosa com minha esposa Leuzeni da Costa Santos, onde Deus nos presenteou com um casal de filhos; Elane Nonato Costa e Rian Nonato Costa. Posso afirmar com segurança que o meu vínculo com a comunidade é de grande harmonia, afetividade e pertencimento, pois sou parte desta comunidade, e me considero uma pessoa quilombola.

1.2 Comunidade campo de pesquisa

O presente capítulo trata do tema no contexto de pesquisa, abordando breve aspectos históricos e culturais da comunidade, o relevante papel da instituição de ensino como emancipadora da cultura local, bem como os conceitos abordados pelos dispositivos legais que amparam a educação no Brasil.

1.3 O papel da Instituição Escolar na emancipação da cultura local

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é uma Comunidade Quilombola, reconhecida e com diversas manifestações culturais. Está situada no Nordeste Goiano e abrange três municípios; Monte Alegre de Goiás, Cavalcante Goiás e Teresina de Goiás. É formado por diversas comunidades, tendo o Rio Paranã como a maior referência de bacia hidrográfica da região, sendo também parte do sustento das famílias com os demais rios afluentes.

Formada por família negras, descendentes de pessoas escravizadas desde o processo de colonização do Brasil, a Comunidade Quilombola Kalunga preserva diversas manifestações culturais ainda trazidas de suas origens na África, preservadas por séculos entre morros, serras, vales e rios.

Em outros tempos, as comunidades eram isoladas, de difícil acesso até mesmo montado em animais ou a pé, nas últimas décadas o chamado progresso foi chegando, abrindo estradas por meio de máquinas e liberando o acesso para maior parte dessas localidades que compõe todo o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

É comum observar nas festas tradicionais, diversas manifestações de matriz africana, europeia e indígena, uma mistura de culturas resultante das vivências e experiências do período colonial, onde imperou a escravidão de negros vindos da África transportados á força em navios negreiros e de índios nativos das terras brasileiras.

Um fator importante é que cada comunidade que forma o Sítio Histórico tem um santo de devoção, ou seja, um padroeiro. A ele é cultuado uma festa, regada de fartura, danças, rituais, adereços, enfeites, rezas, folias, etc.

É em um desses contextos enigmáticos que situou a pesquisa com o tema: “Tradições Culturais Quilombolas: Folia de Cipó. Festejos de São João Batista Comunidade Sucuri, Kalunga de Monte Alegre de Goiás,” que será melhor abordado no capítulo 2.

1.4 O que dizem as Leis, BNCC – Base Nacional Comum Curricular (Resolução CNE/CP nº2, de 22 de dezembro de 2017 – Educação Infantil e Ensino Fundamental. Resolução CNE/CP nº4, de 17 de dezembro de 2018 Etapa do Ensino Médio - BNCC-EM) e LDB - Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) para a emancipação da cultura no contexto local?

Quando pensamos em cultura, logo pensamos nas diversas manifestações populares, muitas vezes parte fundamental dos atrativos turísticos de uma comunidade. Desse modo, logo pensamos nas questões de consumo dos diversos produtos culturais, nas relações diversas que compõem o mundo do turismo cultural. Não diferente nas comunidades quilombolas nos dias atuais, onde as festas atraem inúmeras pessoas das próprias localidades Kalunga, como de cidades vizinhas e até de outros Estados.

É comum grupos de comerciantes, festeiros de baladas automotivas, que aproveitam o ensejo das festas tradicionais para ganhar um dinheiro extra ou divertir com os amigos. É nesta pluralidade de interesses que o consumo do produto cultural se diverge, causa certa inquietação, pois de certa forma parte do público não cria vínculo de respeito as tradições quilombola, distraindo os jovens da comunidade enquanto estes deveriam estarem buscando aprender com os mais velhos (guardiões da cultura local), os saberes e fazeres para não perder a identidade no futuro enquanto ser Kalunga.

No que diz respeito a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, é importante ressaltar que ela proporcionou um novo paradigma nas relações educacionais, construindo um novo perfil de currículo de organização das responsabilidades entre os entes federados no trato com o ensino público.

Foi através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação que se pode tornar o ensino público algo pensado com a participação mais efetiva da sociedade e das comunidades e os diferentes grupos sociais marcados nos anos 90 como sendo o início de uma nova etapa educacional no país, abrindo caminhos para construção de currículos voltados para a regionalidade, como está explícito no artigo 26 da LDB.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas

no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, Art. 26ª, LDB, 1996)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prezava em seu teor, a elaboração de uma base curricular nacional, capaz de direcionar o ensino público no país, ou seja, para que Estados, Distrito Federal e Municípios pudessem ter uma base sólida das principais especificidades educacionais, proporcionando a sociedade o direito do ensino público sem prejuízos para as regionalidades ou grupos sociais, bem como o acesso aos conteúdos de maior importância para os brasileiros.

Nesta perspectiva, surgiu a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, trazendo uma proposta de direcionamento para a construção de currículos de ensino, fazendo com os Sistemas Estaduais, do Distrito Federal e Municipais construíssem suas propostas de ensino aprendizagem, considerando as especificidades regionais do país e locais, como é o caso das comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhos, assentados, etc.

Diante do exposto, a cultura dos grupos étnicos foi melhor compreendida e tratada nas escolas públicas. A BNCC – Base Nacional Comum Curricular, traz essa reflexão, da qual, incentiva que os sistemas de ensino e escola avalie e analise melhor essas relações, como menciona:

Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. (BRASIL, BNCC 2018, p. 574)

Está explícito que a escola dissociada da própria comunidade, refém de um currículo pronto, elaborado externamente, não conseguirá promover um ensino libertador e transformador, como anseia a sociedade atual. Que ela tenha sua referência curricular é compreensível, porém deve dar vazão a imensa diversidade de saberes que adentram em suas salas de aulas todos os dias. É preciso afirmar que a escola é lugar de pluralidade, de organização social e política como é mencionado na BNCC (2018).

Nessa competência específica, propõe-se analisar os paradigmas que refletem pensamentos e saberes de diferentes grupos, povos e sociedades (incluindo-se os indígenas, quilombolas e demais povos e populações tradicionais), levando em consideração suas formas de apropriação da

natureza, extração, transformação e comercialização de recursos naturais, suas formas de organização social e política, as relações de trabalho, os significados da produção de sua cultura material e imaterial e suas linguagens. (BRASIL, BNCC 2018, p. 574)

Em se tratando das escolas quilombolas Kalunga, há uma diversidade temática a ser tratada, inserida com responsabilidade no currículo de ensino, buscando o protagonismo do ser Kalunga, suas demandas, anseios, perspectivas e projetos de vida, diminuindo o distanciamento entre instituição de ensino e sujeitos em suas relações de vida comunitária. Uma das habilidades da BNCC, afirma isso com precisão e abre leque para um ensino libertador e transformador no que diz respeito as festas tradicionais como a Folia de Cipó.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (BRASIL, BNCC 2018, p. 577)

A Educação do Campo ainda busca situar enquanto protagonismo dos seus sujeitos, em especial a Educação Quilombola que não se iguala por total as demais, por tratar de um ensino diferenciado, considerando as especificidades que constituem a história e a cultura do povo Kalunga.

Com algumas semelhanças, Educação do Campo e Quilombola, buscam o reconhecimento de pertencimento e de melhores condições de vida dentro de suas próprias comunidades, fazendo que os jovens tenham melhores perspectivas de vida social, econômica e cultural, sem se envergonharem de suas tradições, buscando agregar elementos que valorizem sua história.

A Educação no Campo parte da concepção de educação que valorize e reconheça as especificidades, os tempos e identidade dos sujeitos do campo. Pressupõe uma organização curricular, adaptações no calendário, didáticas e metodologias adequadas à realidade da vida no campo. Em síntese, A Educação do Campo compreende um processo de dimensões sociopolíticas e também pedagógicas. Visa garantir o direito à educação almejada que valorize e reconheça as condições de vida, sobrevivência e permanência do campo. (BERNARDES; LEITE 2016, p.6)

Enquanto comunidade étnica tradicional, vivendo no campo, os quilombolas tem preservada ao longo de centenas de anos, a memória ancestral, os saberes e fazeres, a maioria repassados de geração para geração de forma oral. Embora não se enquadra propriamente como sendo camponeses no sentido de pequenos ou grandes produtores

rurais, eles vivem na zona rural, e durante muito tempo ficaram isolados das demais culturas, modernidades, etc. Mas percebe-se na fala de Santana (2016), a compreensão de que essas comunidades, em especial os quilombolas, sofreram imposições, obrigadas a seguir um modelo de ensino e de exploração de seus produtos e serviços, bem como a desvalorização de sua cultura.

A população do campo, que já foi vista como mão de obra essencial para o desenvolvimento da industrialização do país, resistindo a expansão do agronegócio moderno que tem o campo como espaço para a reprodução do capital, sempre conviveram com a desvalorização da sua cultura e vida pelo Estado, no entanto, contrariando o modelo imposto, diversas comunidades ainda vivem no campo, mantendo sua reprodução social e construindo seus saberes e modo de vida a partir de suas relações com a terra. (SANTANA, et al 2016, p.9)

Pensando sobre isso, há que se rever a postura de ensino aprendizagem, mediada por um único viés curricular, aquele pronto e imposto, sem se preocupar com as tradições locais dessas comunidades, seus anseios, demandas e pertencimento social, cultural, econômico e ambiental.

2. FOLIA DE CIPÓ

O capítulo trata especificamente da Folia, em especial a Folia de Cipó cultuada a São João Batista e faz interação e diálogo com os moradores da comunidade, buscando compreender a temática através de seus pensamentos, ideias, conceitos e problema abordado.

Folia de Cipó – Bandeira de São João – Preparação para o giro



2.1 Breve História Folia de Cipó e das demais Folias de Santos (Fé, simbolismo, expressão artística e cultural)

A identidade cultural de um povo, ou grupo social representa para os mesmos diversos significados dentro dos elementos que a compõe, formas de trabalho e produção, de lazer, ritos e crenças, valores, manifestações populares ou tradicionais, a linguagem, etc.

Diante do exposto, cada grupo se identifica e se expressa de diversas maneiras, muitas vezes buscando arduamente manter sua cultura intacta, sem a interferência de outras culturas. Tudo isso vivenciado nas experiências e relações sociais, donde se alcançam saberes e conhecimento, muitos preservados ao longo de centenas de anos como é o caso dos quilombolas Kalunga, como menciona Camargo 2018, a saber:

Entendemos que nos limites da razão, os seres humanos mantêm sua identidade em todas as áreas de vivência e saberes, praticando os efeitos de sua experiência. Assim, a atividade artística - cultural pela experiência adquirida ganha o saber e o conhecimento. (CAMARGO 2018, p.13)

Há que se pensar na participação da sociedade e do Estado quanto aos direitos e os deveres de todos perante aos diversos patrimônios culturais materiais e imateriais, tendo como garantia políticas públicas bem definidas para que todos esses grupos sociais, em especial de culturas populares e tradicionais como é o caso do tema tratado.

Diante desta demanda por políticas públicas, outro ponto a ser observado é que na maioria das vezes a sociedade e o poder público manifestam certos preconceitos aos guardiões dessas manifestações populares quando as questões econômicas e étnicas, sem reconhecer as potencialidades de ação, produção, sustentabilidade, etc. A este respeito, Abreu 2003, afirma que:

Há, certamente, uma posição clara, teórica e política - nada ingênua, diga-se de passagem - ao se defender a utilização da expressão cultural popular. O objetivo é colocar no centro da investigação as pessoas de baixa renda, geralmente identificadas e discriminadas socialmente pela cor da pele, pelo local de moradia, pelo modo de ser e vestir e pela pretensa criminalidade. No sentido político, seriam os desprovidos de poder. (...) Por outro lado, há um reconhecimento evidente de que estes sujeitos sociais pensam, agem, criam e transformam seu próprio mundo (valores, gostos, crenças), e tudo o que lhes é imposto, em função da herança cultural que receberam e de sua experiência histórica. (ABREU 2003, p.12)

Mais uma vez retomamos a questão da política pública, do que a sociedade, o Estado e os demais órgãos governamentais ou não ofertam enquanto benefícios que asseguram a esses grupos os direitos essenciais de vivenciar, experimentar, produzir, transformar e manter viva suas diversas formas de manifestações culturais. A cultura é fundamental na sociedade, ela representa como já mencionado, a identidade de um povo ou grupo social específico.

A elaboração de políticas públicas culturais deve ter participações dos diversos seguimentos e grupos culturais, assim, favorece sua representatividade e coloca sua demanda na pauta pública. Se as práticas sociais são individuais e coletivas, envolvendo o tradicional e o moderno como menciona Real (2018), é, portanto, necessário a participação da sociedade na tomada de decisões que asseguram os direitos básicos para essas diversas formas de expressão popular.

Aqui cabe ainda afirmar, que a Comunidade Quilombola Kalunga, em especial Sucuri, tem potencialidades, expressadas com clareza nas manifestações culturais populares ou tradicionais preservadas a séculos, porém com riscos de deixarem de existirem quanto ao valor e importância dada pelos mais jovens e turistas.

As folias são uma das expressões culturais que mais chamam a atenção, considerando a diversidade de manifestações contidas em todo o giro, seja das que circulam as comunidades ou como a de Cipó. É possível perceber a arte artesanal dos instrumentos como a caixa, os pandeiros, a rabeca, as diferentes cantigas de rodas com

mensagem de fé, de política, de reivindicação de direitos, de amor, saudade e respeito com a natureza, as danças de sussa, boilé, as comidas e bebidas típicas, entre tantas outras formas de expressão artística e cultural.

Mas o principal objetivo dos quilombolas nas folias é expressar a fé nos santos que cada folia representa, como é o caso da Folia de Cipó.

Folia de Cipó – Devota beija a bandeira expressando sua fé.



A respeito das folias, Real (2018) afirma que:

[...] as práticas sociais que se realizam na comunidade Kalunga, são construídas a partir de uma mesclagem entre o individual e o coletivo, entre o tradicional e o moderno, entre o particular e o universal. Apresento como prova disso é a maneira com a qual se realizam as festas tradicionais, como, por exemplo, as folias, cujo acompanhamento se dá por meio de pessoas montadas em burros e outras sobre motocicletas. (REAL, 2018, p.63)

As folias além de ser uma manifestação da cultura popular, traz consigo elementos que configuram o processo artístico de produção como é o caso das letras das cantigas de rodas, os instrumentos (caixas, pandeiros, rabeca, tambor, etc.). Esse processo de criação precisa ser valorizado, elevando o potencial econômico e cultural como menciona Camargo (2018).

Sempre pensando na necessidade de encaixar o ser humano na sociedade, a arte visa proporcionar o processo de criação desse indivíduo, levando-o a desenvolver a sua criatividade e o raciocínio, melhorando o seu potencial de pensamento e realização de atividades, de exposição e de solução de problemas em situações sociais e cotidianas. (CAMARGO 2018, p.34)

Desse modo, é necessário compreender “cultura” nas suas diversas dimensões, desde a concepção de potencial de arranjos econômicos, artístico, etc. Nunca esquecendo do processo de formação individual e coletiva como forma de preservação, visão de mundo e de expressão identitária de grupos sociais, como afirma Sanches, et al (2014).

podemos estabelecer duas interpretações distintas para o termo “cultura”. Primeiro, podemos entendê-la como um processo de formação individual, no qual o sujeito é preparado e educado para acumular determinadas informações que ampliam a sua visão de mundo. Em um segundo momento, também podemos entender a cultura como um sentido coletivo, no qual essas marcas de individualização são colocadas de lado para darem lugar ao sentido coletivo de um povo. (SANCHES, et al, 2014, p.12)

Diante do breve exposto neste referencial, inicia-se uma discussão junto a diversos autores e pesquisadores que trazem suas concepções acerca da cultura, em especial a popular, termo utilizado para as diversas manifestações tradicionais que trazem simbologias, ritos, crenças, valores e significados por parte de grupos sociais como é o caso dos quilombolas. Sobre cultura, Gáspio afirma que:

Cultura significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo o ser humano, não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro. Cada sociedade constrói sua própria cultura, as quais são transmitidas de geração em geração através da convivência entre os indivíduos. Porém cultura é mais que isso, ela é parte de todo um contexto social, pois a mesma é elaborada pela a interação e relações entre os indivíduos como sujeitos sociais. O sujeito produz sua história, levando-os a produzir também a sua cultura, não de forma concreta, mas existente na sua realidade. (GÁSPIO 2018, p. 20)

Ainda segundo Gáspio (2018, p.21), “a cultura está em contato com outros ciclos e modos de vida. Ela não algo estático, ela é algo dinâmico que está sempre se modificando, mas isso só quer dizer que são diferentes umas das outras, e não que são superiores.”

Diante do exposto, o povo são os protagonistas, os criadores da rica diversidade da cultura popular, como menciona Gáspio (2018), a saber:

A cultura popular, por sua vez, nasce do povo de um determinado local, canto, danças, festas, brincadeiras, jogos, e etc. todos estes elementos fazem parte desse modelo de cultura, onde o povo participa dela de uma forma ativa.

Ela reúne conhecimentos e tradições, como, artesanatos, música e culinária. A cultura popular é algo tradicional e vem do regionalismo, diferentemente da cultura de massa. Ela surge das tradições e costume de um povo e é passada de geração em geração por várias formas, porem a forma oral é a principal delas. (GÁSPIO 2018, p.26)

É importante ressaltar que este importante acervo cultural, em especial das Folias que compõe as tradições Kalunga, é necessário observar como está sendo as relações diversas em relação aos saberes e fazeres dos sujeitos que participam das manifestações populares, valorização, preservação, etc. Para constatar melhor todas essas reflexões, é preciso mergulhar no sentido mais significativo e plural de povo enquanto comunidade quilombola, como veremos no subcapítulo a seguir.

A Folia de Cipó é uma expressão religiosa e cultural, que apresenta também os modos de vida, de organização social, cultural e econômica. Os quilombolas sempre que falam das folias, das rezas, eles repetem por várias vezes a palavra agradecimento, ou seja, para eles são momento de gratidão pela colheita, pela saúde, pelas realizações, pela família e proteção espiritual.

Folia de Cipó – Momento de rezas e de agradecimento



A Folia de Cipó existe desde a chegada dos primeiros habitantes quilombolas na região. A devoção ao Santo São João Batista fez com que os primeiros moradores iniciassem o festejo. Como o quilombo no início os moradores se organizavam bem próximos uns dos outros em pequenas casas de palhas, madeiras, tabocas e barro, eles giravam a folia em torno do mesmo local, como se fosse uma comunidade com moradias distantes. Isso porque as folias comunus giram pelas diversas casas e comunidades da região, mas a a Folia de Cipó gira no mesmo lugar entrando e saindo das casas improvisas

no local do festejo.

Como já mencionado, a tradição surgiu no início da povoação do quilombo, onde por segurança, todas as famílias que fugiam da opressão e da escravidão se organizavam nesta localidade, e construíam suas moradias próximas uma das outras como forma de se proteger de animais selvagens e do chamado capitão do mato. A este respeito, será tratado a seguir na pesquisa de campo, onde alguns moradores falam da Folia de Cipó e sua origem e o porque gira em um só lugar.

O espaço da Festividade é considerado sagrado, especial para os quilombolas. Todos os anos os moradores deixam suas casas em suas comunidades e vão para o local onde acontece a festa de São João. Lá eles constroem pequenos ranchos ou casas simples, outros levam barracas modernas, tendas e acampam com a família para organizar e realizar a festa, que segue com o giro de Folia de São João e ou Folia de Cipó, regada de muita festa, comidas, bebidas, rezas, fogueira, levantada de mastro, missa, batizados e casamentos.

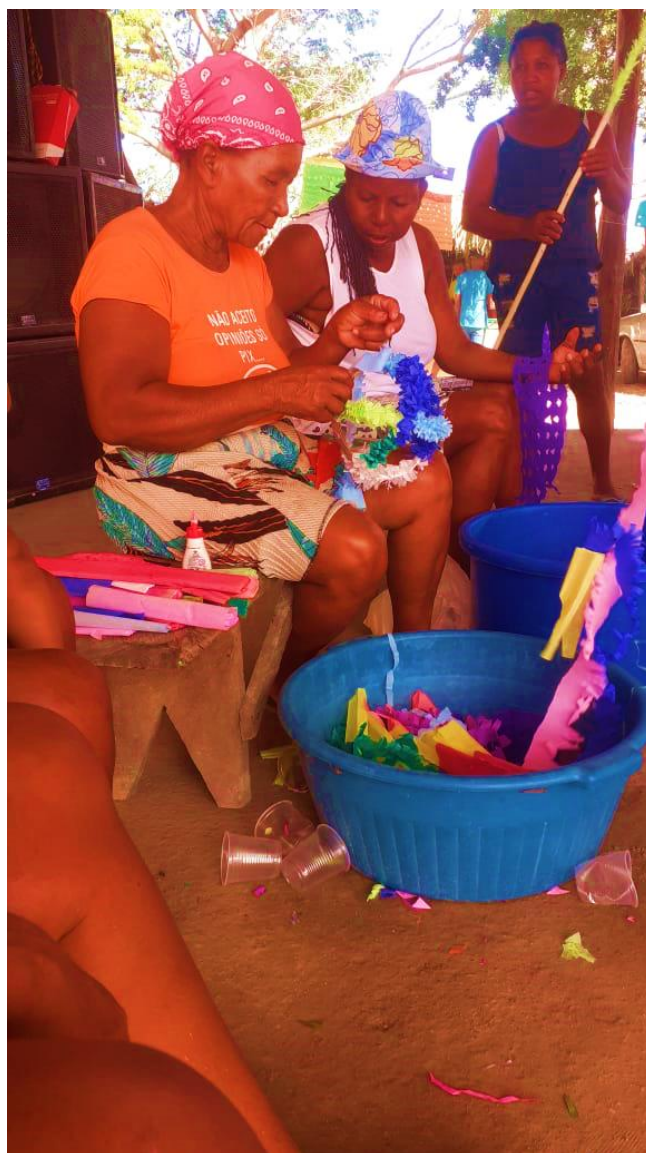
Folia de Cipó – Local da Festa



Receber os festeiros do ano, os turistas é uma alegria para os quilombolas, e eles sabem muito bem como fazer isso com hospitalidade e carinho. Os visitantes vêm de todas as localidades e cidades vizinhas, muitos atraídos pela cultura, outros para exercer a comercialização de diversos produtos ou contemplar a natureza exuberante que há nas comunidades kalungas. Tem aqueles que são filhos da comunidade, mas que por motivos

de estudo e trabalho vivem fora, e nesta festividade aproveitam para rever familiares e a cultura local. E nesta espetacular relação social, cultural e econômica, as cores se misturam aos batuques, ao som das conversas alegres das mulheres que trabalham para que a festa aconteça.

Folia de Cipó – Mulheres produzindo itens de decoração



A decoração da festa é uma alegria para as mulheres, e fazem isso com muita simplicidade, respeito e devoção ao santo, momento que expressam a gratidão e os enfeites expressam isso nas cores, no formato, na riqueza de detalhes que misturam elementos modernos e simbolismo local das coisas da comunidade.

A fé é também expressa no momento de reza e de missa celebrada pelo padre. Nesse momento todos os devotos se reúnem dentro da capela e os que não cabem no interior da mesma, ficam pelo lado de fora atentos as rezas e celebração feita pelo representante da igreja católica.

Folia de Cipó – Momento de reza e celebração da missa



Retomando a Folia de Cipó e sua organização, o giro acontece por um dia, ou seja, tempo suficiente para que os foliões juntamente com o alferes possa levar a Bandeira de São João em todas as casas, barracas e até mesmo debaixo de árvores onde há uma família devota.

O momento do giro é esperado por todos que ali estão, em especial pelas famílias que durante o ano se preparam para a festividade, na lida nas roças, plantando, cuidando dos animais, buscando se organizar de forma que estejam com saúde, fartura e disposição para o festejo.

Desse modo, é comum observar na expressão de cada um, olhos lacrimejando de alegria, de gratidão, de fé e ainda com profundo respeito a Divindade Santa como eles dizem na comunidade.

Folia de Cipó – Visitando cada família devota acampada no local do festejo



A Bandeira do Santo é um Símbolo Sagrado, traz em seu centro a imagem pintada pelos moradores, representando a Divindade Santa. É nesta expressão de fé, de alegria contagiante, de diversos sentimentos, que a territorialidade é marcada pelo simbolismo, gestos e rituais, como menciona Sivaldo (2023), em suas contribuições afirma que:

A territorialidade se mostra muito importante, pois, envolve muito mais do que apenas toda comunidade se juntar por um bem comum naquele momento, sobretudo a história de um povo, a identidade ali expressa e reconhecida por si e por todos os presentes, materializando seus atos de fé na continência diante da bandeira, dentro da igreja, nas rezas e cantigas. (SIVALDO 2023, p.18)

A bandeira assim como o mastro, o altar e todos os elementos que compõem o festejo da Folia de Cipó tem importante significado para os quilombolas e nada passa desatento aos olhos de cada morador e até mesmo dos turistas.

Essa imagem mostra o momento em que uma família recebe a folia, o alferes na frente faz a chamada Venda da Bandeira, ou Benção da família que está posta de frente da moradia improvisada para receber o canto sagrado, a dança de roda ou curraleira.

Folia de Cipó – Levantada do Mastro de São João e a festança do imperador e imperatriz do ano



Nesta etapa da festa acontece a levantada do Mastro de São João com fogueira, dança da Sussa, muita comida, bebidas e forró. É também um momento de diversão para todos, famílias, amigos e turistas dançam durante toda a noite, muitas das vezes, amanhecem o dia.

A folia que girou durante do o dia, é recolhida ao entardecer, seguida de reza no altar sagrado. Uma particularidade das folias são os instrumentos, em especial a caixa feita de madeira, couro e cordas especiais, ela emite um som que pode ser ouvido de longe, avisando que a Dinvidade Santa está se aproximando, ou está na casa de um vizinho.

Ao ouvir o som da caixa, as famílias se organizam para receber a folia, alguns preparam esmolas, uma espécie de oferta ao santo, em dinheiro ou doação de mantimentos, objetos, animais, produtos da roça, uma ajuda para o festeito realizar a festa ou agradecimento pela colheita, saúde e proteção.

Folia de Cipó – Caixeiro batendo a caixa



Durante o festejo, como já mencionado, é realizado batismos e casamentos. É um momento de celebração da vida, de comunhão com o sagrado, de firmar ainda mais o pertencimento espiritual da comunidade.

Folia de Cipó – Preparação do Batismo



A presença do Padre da Paróquia de Santo Antônio do Município de Monte Alegre de Goiás é esperada para a realização dos batizados e casamento e a realização da Missa. No caso da foto acima, a imagem representa a opção pelo batismo na moradia improvisada da família da criança a receber o sacramento do batismo.

Folia de Cipó – Celebração pelo Padre na capela – Missa a São João Batista



No local sagrado da festa, a Igrejinha é realizada a missa e demais rituais da fé católica. A autoridade nesta etapa da festa é o Padre que conduz a missa, onde todos os fiéis assistem com devoção.

Em outro ponto do evento, é preparada a comida para os festeiros, convidados e turistas, e fartura não é problema. As mulheres enfrentam o calor das fornalhas improvisadas para o cozimento de carnes para a tradicional farofa.

Folia de Cipó – Preparação e cozimento da carne para farofa



Não há quem faça crítica ao sabor peculiar da farofa dos festejos, muitos dizem que é única, que o tempero é muito saboroso. É um dos momentos mais esperados da

festividade.

Nas noites de acampamento no local e no dia exato do festejo, a fogueira é um atrativo especial, ela aquece e clareia todo o espaço, se tornando uma chama de fogo magestosa no centro do espaço.

Folia de Cipó – Fogueira



Ao seu redor da fogueira, pessoas se aquecem, sentam em frente aos seus acampamentos improvisados, contam causos, riem, relembram outros festejos, outros vivem a nostalgia da saudade de familiares que não mais estão presentes fisicamente.

2.2 O que pensam os sujeitos envolvidos no campo de pesquisa?

2.2.1 Entrevista com morador e participante do festejo.

A primeira entrevista foi com o Senhhor Alcir, morador e participante assíduo do festejo da Folia de Cipó. A conversa foi conduzida no formato de perguntas semiestruturadas, gravada também em vídeo. Mas percebendo uma certa timidez por parte dele, logo após a gravação, o assunto deu continuidade e ele se expressou mais, relatou diversas informações que serviram de base de dados para esta pesquisa.

Em sua fala, seu Alcir destaca que:

“a festa existe desde os primeiros moradores, acontece somente no local onde as famílias se reúnem, fazem barracos de palhas, madeira e barro, outros barracos e tendas modernas. Eles ficam ali durante toda a organização da festa.

“ (Senhor Alcir, 2024).

Como foi mencionado anteriormente, a festa acontece em um local escolhido pelas comunidade, ali eles se reúnem e organizam tudo, desde a alimentação, decoração e realização dos rituais que procede o festejo.

Ainda segundo seu Alcir, a Folia de Cipó é uma romaria, desse modo, a Folia é diferente das demais como a de Santo Antônio e outras. Ela gira no próprio espaço onde acontece a festa. Tem a igreja como centro da festividade, ao seu redor as barracas e tendas armadas, bem como as casas improvisadas com os recursos naturais do local (palha, madeira, taboca, embiras...).

Ainda na fala do seu Alecir, ele destaca que “a Folia de Cipó representa a vida, a alegria e é uma importante tradição que deve ser preservada e valorizada pelas gerações.” Ele afirma ainda que “alguns jovens participam e interessam pelas tradições, já outros não.” Nesta fala ele expressa sobre a importância da festa e sua continuidade por parte das gerações futuras. Seu Alcir diz: “meu medo e minha preocupação é acabar com a tradição.” Para ele é importante que os jovens aprendam sobre as tradições para não deixar de existir no futuro. Nesta perspectiva, ressaltar a importância da escola e do currículo ensino, pois através da educação é possível fazer com que os jovens reflitam sobre a cultura quilombola e sua importância para a comunidade.

Sobre o turismo, seu Alcir destaca que a maioria participam de todos os momentos, das rezas, giro da folia, levantada de mastro, fogueira e demais rituais do festejo, poucos deles ficam mesmo nas farras como dizem na comunidade.

Folia de Cipó – Momento de descontração de comes e bebes



Há momentos em que a comunidade e os turistas vivenciam uma relação de harmonia, e se divertem entre eles com brincadeiras, desafios que vão desde a proposta de dançar uma dança típica, ou cantar umacantiga.

2.2.2 Entrevista com professor da comunidade

O segundo entrevistado foi o Professor Deuzimar Moreira Soares que exerce a profissão na comunidade há três anos. Segundo ele, já assistiu a festividade e percebe que a juventude não está interessada na folia de cipó e que muitos querem experimentar novas culturas e formas de relações sociais e culturais. Segundo somente os mais velhos participam para preservar a tradição.

Ao ser perguntado sobre algum projeto de ensino sobre a temática abordada ele afirma que a escola já trabalha a Disciplina de Cultura afro-brasileira. De fato, as escolas trabalham a Disciplina mencionada, mas há uma preocupação com a ênfase que se dá a ela, quando se trata do seu teor e importância. Percebe-se que após a criação da Disciplina supracitada, a escola ficou obrigada a cumprir o que está contido nela, porém sem significar a mesma dentro das especificidades de cada comunidade.

2.2.3 Entrevista com aluno da comunidade

O terceiro entrevistado foi o jovem aluno Marcilei Rodrigues da Costa. Ao fazer as perguntas previamente elaboradas para a entrevista, ele expressou com certa rapidez cada resposta, sendo breve e claro em suas afirmações.

Em sua fala, Marlei aluno da comunidade, conhece o festejo e segundo ele gosta de participar. Ao ser perguntado sobre a possibilidade escolher entre a diversão com os turistas e participar da folia de cipó, ele afirma que prefere a folia.

O aluno também destacou que é importante a juventude participar das tradições e que se eles não participarem, as festas tradicionais deixarão de existir, assim como a cultura quilombola não será mais vivenciada nas comunidades.

3. METODOLOGIA

3.1 Pesquisa Qualitativa

No contexto desta pesquisa, foi apresentada diversas concepções acerca do tema, qualificado por saberes e conhecimentos acerca do tema tratado nos diversos artigos e livros pesquisados, bem como dos sujeitos envolvidos no campo de pesquisa (Comunidade Sucuri- Kalunga).

[...] a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento. (OLIVEIRA, 2008, p.59)

Como mencionado por Oliveira, por meio do aprofundamento nas questões em que os sujeitos, por meio de entrevistas, expressaram suas concepções, formas de ver o festejo e o que esperam da comunidade e órgãos competentes, sociedade e poder público quanto a preservação da cultura local.

3.2 Pesquisa Bibliográfica

Quanto a pesquisa bibliográfica, se deu por estudos em artigos e livros que tratam do tema tratado, como mencionado por Marconi e Lakatos (2013):

[...] a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde a publicação avulsa, boletins, jornais, revistas livros, pesquisas, monografias, teses materiais cartográfica e etc.[...] sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto e tudo que foi escrito, dito, filmado sobre determinado assunto. (MARCONI e LAKATOS 2013, p.57).

Desse modo, foi apresentado conceitos, saberes e conhecimentos já adquiridos em pesquisas anteriores por outros autores para melhor alcançar respostas aos objetivos e problemática pensada para este trabalho.

3.3 Pesquisa de Campo

Quanto a pesquisa de campo, esta se deu através de um momento de

interferência na comunidade, neste contexto, dialogando com os sujeitos da pesquisa, observando e buscando através das entrevistas respostas, ideias, pensamentos e anseios quanto ao tema tratado.

No que trata desta etapa, foi realizado visitas aos moradores guardiões da cultura popular em especial das folias, juventude local e educadores para compreender como ocorre todo o processo, participação ou não dos mesmos, propostas pedagógicas relacionadas ao tema dentro da comunidade escolar, etc.

3.4 procedimentos metodológicos - Entrevistas

Essa etapa contou com o registro de informações expressas pelos próprios sujeitos no campo de pesquisa contrapondo ou relacionando com as referências bibliográficas apresentadas, ou seja, o pensamento, ideia ou conceito dos diversos autores pesquisados com o pensar dos sujeitos nas suas diversas relações sociais e culturais.

Foi realizada entrevistas com perguntas estruturadas semiabertas para melhor permitir que os sujeitos expressem sobre os diversos assuntos relacionados ao tema e problema de pesquisa, como segue o roteiro de entrevistas, discutidos na análise dos dados e discussões conforme o modelo semiestruturado a seguir.

Entrevistas guardiões das tradições (pessoas mais velhas)

- 1 - Qual o seu nome?
- 2 - Você conhece ou participa da Folia de Cipó do Festejo de São Batista?
- 3- Se conhece, ou participa qual a importância deste festejo pra você e pra comunidade?
- 4- Como o Senhor (a) vê a participação da juventude?
- 5- Como o Senhor (a) vê a participação dos turistas? Eles participam da folia ou só das festas que envolve danças, banho nos rios, bebedeiras nos pontos de vendas, ou comercializar algo?
- 6- Há alguma preocupação acerca da preservação da cultura local, em especial da Folia de Cipó?
- 7- Quando e como iniciou as folias na comunidade?

Entrevistas com professores atuantes na comunidade

1. Qual o seu nome?
2. Há quanto tempo é professor (a) nesta comunidade?
3. Você já presenciou ou participou da folia de Cipó?
4. Como você vê a participação da juventude e dos turistas em relação a Folia de Cipó?
5. A escola tem um projeto de ensino específico para trabalhar a consciência cultural enquanto identidade da comunidade?

Entrevistas com alunos da comunidade

1. Qual o seu nome?
2. Você conhece ou participa da Folia de Cipó do Festejo de São Batista?
3. Se conhece, ou participa qual a importância deste festejo pra você e pra comunidade?
4. Entre acompanhar o giro de folia e participar dos grupos de amigos, turistas, qual você escolhe?
5. O que você imagina que irá acontecer se a juventude não participar da Folia de Cipó?
6. Na sua opinião, é importante valorizar a identidade cultural da comunidade, arduamente preservada pelas gerações passadas? Por quê?

4. ANÁLISES DOS DADOS E DISCUSSÃO

É fato que a cultura de um grupo social, em especial da Comunidade Quilombola Kalunga, carece de atenção por parte das políticas públicas culturais e educacionais, de modo que seja possível uma emancipação social, cultural e econômica, fortalecendo os laços, as produções, as manifestações, proporcionando a todos a capacidade de se manterem pertencentes a sua identidade cultural de forma sustentável.

Está explícito nos documentos oficiais, leis e currículos educacionais, a importância da cultura, da sua emancipação, do seu valor social, da possibilidade de sustentabilidade econômica no espaço de vivências comunitárias.

Não há como separar cultura de ensino aprendizagem, visto que, a identidade cultural compõem a sistemática do ser humano no seu grupo, na sua comunidade, nas diversas relações que vivem com os demais, com o meio ambiente, com o sagrado ou espiritualidade. Nesta perspectiva tanto a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a BNCC – Base Nacional Comum Curricular e o próprio DC-GO – Documento Curricular para Goiás, estabelecem normas, habilidades e objetivos para melhor conduzir essa tão importante temática, como já mencionado.

A comunidade pelas falas dos entrevistados, ainda carece de um projeto de ensino mais eficaz para tratar da temática abordada, sendo necessário ir além das práticas atuais, buscando trazer as falas dos guardiões para dentro da discussão escolar, proporcionando a juventude dialogar com essas pessoas, conhecidas e respeitadas como sendo as guardiãs da cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura quilombola é um conjunto de manifestações que envolve religiosidade,

crenças africanas, relação significativa com o meio ambiente. É uma pluralidade, que muita das vezes é preciso atenção, cuidado especial ao assistir, ouvir, presenciar algum ritual.

Nas diversas manifestações como nas danças, nas folias, no jeito de preparar e organizar os festejos, nas cantigas, nas rezas, há sempre algo a aprender, pois o que parece tão simples, é de uma riqueza cultural significativa.

A Folia de Cipó é uma dessas manifestações plurais, repletas de significados, de rituais, onde cada detalhe é uma expressão da religiosidade, das crenças, das habilidades artísticas, do pertencimento comunitário, da capacidade econômica e social de organizar e se manter uma comunidade distante e de difícil acesso.

Talvez a Folia de Cipó é uma manifestação única, visto que se vê falar de uma festividade onde a folia gira em torno de um só lugar, dentro de um espaço de poucos m² (metros quadrados). É uma invenção que buscou resolver um problema numa época de escravidão, de lutas pela liberdade, onde o quilombo se instalou e ali se fez palco da vida, da arte, das atividades sociais, econômicas e culturais, distante da ameaça constante dos maus tratos do senhores que os escravizavam.

É importante ressaltar que os escravizados eram negros africanos que tinha seu próprio espaço, suas moradias, famílias e dominavam diversas formas de sustentabilidade econômica. Foram trazidos a força para o Brasil logo após a invasão dos europeus que aqui buscavam riquezas minerais, madeira e produção agrícola.

Os quilombolas herdaram de antepassados, familiares que foram escravizados e mortos pelos maus tratos, diversas formas de sobrevivências, de expressão cultural, de organização social e de produção econômica.

As mais antigos ensinavam por meio da prática e da oralidade diversas formas de plantio, de confecção de ferramentas, utensílios domésticos, cultivo e armazenamento de sementes. Foi graças a esses ensinamentos repassados e preservados ao longo de centenas de anos, que os quilombolas sobreviveram e até a atualidade preservam e expressam em suas festividades.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **CULTURA POPULAR, UM CONCEITO E VÁRIAS HISTÓRIAS.**

BERNARDES, Raquel Bernardes, LEITE, Letícia de Sousa Leite. **A AVALIAÇÃO**

DOS ALUNOS SURDOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO. Eixo 3. Eixo 3. Políticas Públicas e

BRASIL. BNCC – **Base Nacional Comum Curricular**. Brasil, 2017. Disponível em:

http://Basenacionalcomum.Mec.Gov.Br/Images/Bncc_Ei_Ef_110518_Versaofinal_Site.Pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

BRASIL. **LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília DF- 1996.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº2, de 22 de dezembro de 2017 – Educação Infantil e Ensino Fundamental. Resolução CNE/CP nº4, de 17 de dezembro de 2018 Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM)**. Disponível em: [Base Nacional Comum Curricular - Ensino Médio \(BNCC-EM\) - Ministério da Educação \(mec.gov.br\)](http://Base Nacional Comum Curricular - Ensino Médio (BNCC-EM) - Ministério da Educação (mec.gov.br)) acesso em 11 de abril de 2024.

CAMARGO. Josane Laura Machado de. **Contribuições da Arte para o Desenvolvimento do Indivíduo: Uma Pesquisa Bibliográfica**. Barretos – SP, 2018.

CAMPO E PNLD. I Seminário Internacional de Educação do Campo “Da luta pela terra a construção da cidadania. Povos Indígenas, Negros e Sem Terras. 22, 23 e 24 de junho. Uberlândia, 2016.

CANEDO, Daniele. **“CULTURA É O QUÊ?” - REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA E A ATUAÇÃO DOS PODERES PÚBLICOS**. V **ENECULT - Encontro de**

Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

Estudos Multidisciplinares em Cultura. 27 a 29 de maio - Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. 2009.

GÁSPIO, Marília Ferreira. Cultura Popular e Educação: Contribuições da Cultura Popular no Ensino da Escola Estadual Bom Jardim-Extensão Kalunga II. Projeto de TCC apresentado ao curso de Licenciatura de Educação do Campo – LEdoC da Faculdade UnB Planaltina com requisito básico para conclusão do curso de

Habilitação em Linguagens. Planaltina DF, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, Marly de Oliveira. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Editoras Vozes Ltda. Petrópolis, RJ. 2008.

Práticas Educativas da Educação dos povos do campo. I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO “Da luta pela terra a construção da cidadania. Povos Indígenas, Negros e Sem Terras” 22, 23 e 24 de junho– Uberlândia, 2016.

REAL, Rosolindo Neto Vila. **O ser Kalunga entre a modernidade e tradição**: tese (Doutorado em educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás. 2018.

ROSA, Sivaldo Marques. **História e memória da manifestação cultural – festejo de Nossa Senhora D’Abadia da Comunidade Kalunga do Vão de Almas em Cavalcante Goiás**. Arraias, TO, 2023.

SANCHES, Wilson. SILVA, Thiago Rodrigo da Silva. FABRÍCIO, Edison Lucas. BORDONAL, Guilherme Cantieri. **Povo, cultura e religião**. – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2014.

SANTANA, Paula Daniela González, CHELOTTI, Marcelo Cervo Chelotti. LOMOLINO, Ana Laura Gonçalves. **PRESSUPOSTO DA POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO E ANÁLISE COMPARATIVA DO MATERIAL DIDÁTICO PNLD-**

SÁ-SILVA, Jackson Ronie. ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - julho de 2009, RS,2009.

SILVA, Claudiane Moreira da. A Cultura Popular no processo ensino aprendizagem nas escolas municipais das comunidades quilombolas Tinguizal e Sucuri em Monte Alegre de Goiás. Arraias, TO, 2021.

APÊNDICES

Entrevistas guardiões das tradições (pessoas mais velhas)

- 1 - Qual o seu nome?
- 2- Você conhece ou participa da Folia de Cipó do Festejo de São Batista?

- 3- Se conhece, ou participa qual a importância deste festejo pra você e pra comunidade?
- 4- Como o Senhor (a) vê a participação da juventude?
- 5- Como o Senhor (a) vê a participação dos turistas? Eles participam da folia ou só das festas que envolve danças, banho nos rios, bebedeiras nos pontos de vendas, ou comercializar algo?
- 6- Há alguma preocupação acerca da preservação da cultura local, em especial da Folia de Cipó?
- 7- Quando e como iniciou as folias na comunidade?

Entrevistas com professores atuantes na comunidade

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Há quanto tempo é professor (a) nesta comunidade?
- 3- Você já presenciou ou participou da folia de Cipó?
- 4- Como você vê a participação da juventude e dos turistas em relação a Folia de Cipó?
- 5- A escola tem um projeto de ensino específico para trabalhar a consciência cultural enquanto identidade da comunidade?

Entrevistas com alunos da comunidade

1. Qual o seu nome?
2. Você conhece ou participa da Folia de Cipó do Festejo de São Batista?
3. Se conhece, ou participa qual a importância deste festejo pra você e pra comunidade?
4. Entre acompanhar o giro de folia e participar dos grupos de amigos, turistas, qual você escolhe?
5. O que você imagina que irá acontecer se a juventude não participar da Folia de Cipó?
6. Na sua opinião, é importante valorizar a identidade cultural da comunidade, arduamente preservada pelas gerações passadas? Por quê?

